

QUEM É O ARTE-EDUCADOR?*

A Associação de Arte-Educadores do Estado de São Paulo promoveu no mês de outubro passado, nas dependências da FAAP, uma mesa-redonda para discutir o tema "Quem é o arte-educador?" e para a qual foram convidados: Fábio Magalhães, artista plástico e professor da Faculdade de Arquitetura da PUC/Campinas; Joana Lopes, artista e educadora na área de teatro, autora do livro *Pega-Teatro*; Valdir Sarubbi, artista plástico e professor de artes expressivas; Ana Maria Beluzzo, professora de História da Arte na FAU/USP, e prof. Hans J. Koellreutter, compositor, pedagogo e professor da FAPEARTE.

Transcrevemos aqui uma síntese da exposição por eles feita na abertura dos debates. Por uma questão de espaço, não pudemos incluir as discussões que se seguiram. Essa foi uma das primeiras iniciativas da Associação em trazer à cena as questões pertinentes às atividades do arte-educador no Brasil; portanto, longe de pretender encerrar aí o debate, ele encontra-se vivamente aberto para a participação de todos.

JOANA LOPES: PELA DESSACRALIZAÇÃO DA ARTE

Eu gostaria de começar afirmando que o arte-educador existe, e isso porque volta e meia a sua existência é contestada. No entanto, nós estamos filiados a uma Associação de Arte-educadores, que se constituiu tendo, por trás da sigla, uma história de realizações e de discussões filosóficas. Então, eu parto de onde para minha afirmação? Tenho visto a prática dos arte-educadores que se reúnem na Associação assim como tenho passado um olhar crítico sobre a minha própria prática. Um pon-

to comum entre todos nós tem sido uma distinção entre um fazer artístico e um fazer da educação. Eu gostaria de dar uma olhadinha no que tem sido essa diferença, que não foi resolvida até hoje.

Quanto à arte, existe de imediato o fato de ser — antes, agora e não sei ainda por quanto tempo — um produto sacralizado. Estamos sempre frente a um produto acabado, posto no mercado a fim de ser comprado, aceito ou não aceito. Diante disso, os artistas, numa relação com a educação, pretendem dessacralizar e revelar esse produto de formação artística, chegar até o produto fazendo uma caminhada que representaria a "dessacralização" dos processos de apresentação do produto artístico. Os artistas se voltam para a arte-educação, para os processos de arte-educação, para estar em contato com as pessoas que, de um modo geral, como eles, podem criar. É partindo do princípio que todos podem criar que o educador vai desenvolver os processos do fazer artístico. Isso implica, imediatamente, uma relação nova, dando à educação um novo ângulo de existência.

Neste sentido, eu entendo que a arte-educação não se processa apenas dentro da escola, mas em todo lugar; não só com crianças, mas com todas as faixas etárias, onde as pessoas estejam interessadas em desvelar esses processos de criação e por eles entrar em um novo modo de relação educacional. Os arte-educadores que tenho visto trabalhar se colocam frente a uma aventura — aventura do aprendizado, da troca de experiências com essas pessoas que podem criar, que apreciam arte, que podem criticar o que está em volta — e buscam, então, juntos, criarem alguma coisa que expresse o seu viver. Vejo que o arte-educador, mais do que um artista que vai ensinar técnicas expressivas, é uma pessoa que provoca essa relação nova, tanto em relação à arte quanto à educação. Em relação à arte, revelando e incentivando esses processos de expressão, e, em relação à educação, fazendo com que se perceba que tudo pode ser um motivo de educação: importa como a gente se relaciona com esse fazer.

* Texto transcrito e editado por Silvana Garcia, da AAEESP. AR'TE. São Paulo, Polis Ltda., ano 1, n. 4, 1982.

VALDIR SARUBBI: ARTE PARA O DESENVOLVIMENTO AFETIVO

Estou aqui para falar da minha experiência como professor de artes-expressivas. Tenho um pouco de medo dessa palavra "educação artística", arte-educador, essa coisa toda. Prefiro falar da minha atuação, como uma pessoa que mexe com crianças, adolescentes, em termos de expressão.

Acho que, primeiramente, deveríamos pensar um pouco nessa pessoa que resolve trabalhar com expressão. Há duas espécies de professores: um é aquele artista que resolve passar para seus alunos sua experiência e praticamente dá receitas de como trabalhar com linguagens artísticas; e há um outro tipo que está mais interessado em fazer com que essas crianças e adolescentes se transformem em pessoas humanas, adultas. A educação tradicional que nós temos leva muito em conta o crescimento intelectual, o crescimento físico, mas deixa de lado, de um modo geral, o crescimento afetivo. Seria muito importante que as crianças crescessem equilibradamente, nos três níveis: fortes, corpos são, inteligentes, deixando que seus intelectos se desenvolvam, mas também que tenham um afetivo saudável. Acredito que é efetivamente na infância que a criança, trabalhando com artes expressivas, pode desenvolver suas possibilidades afetivas, através de todas as linguagens artísticas. Eu trabalho com crianças há doze anos e o tipo de atividade que desenvolvemos procura levá-las a exercitar todos os tipos de vivências artísticas, de uma maneira muito livre. Tento não passar para a criança nenhuma verdade, nenhuma coisa acabada, pronta para a cópia. Acredito muito que aprender é descobrir. O professor que dá dicas, dá receitas, ensina técnicas, não leva a lugar nenhum. O professor deve criar um ambiente propício para que as crianças descubram as coisas, deixando-as à vontade, respeitando esse processo criativo, permitindo que elas manipulem e elaborem as coisas que têm dentro delas através de linguagens artísticas. Acho que o professor é, antes de mais nada, o sujeito que acredita nas possibilidades do homem, que acredita que o homem é capaz de fazer coisas e permitir que essas coisas venham de dentro de si mesmo e não de fora pra dentro.

ANA MARIA BELUZZO: ARTE-EDUCAÇÃO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Há uma série de particularidades que marcam a atuação pedagógica — se é possível utilizar essa palavra — daquele que nós chamamos, num sentido mais estrito, o arte-educador. O que verifico, em primeiro lugar, é que o arte-educador cria condições favoráveis para o exercício, para a prática artística e menos para a aculturação artística. Este é um dos pontos que gostaria de abrir para discussão. Um outro aspecto — e aí vai uma provocação maior ainda — é que o arte-educador trabalha com os sistemas técnicos tradicionais, ou seja, ele oferece, hoje, uma oportunidade de exercício de uma prática artística entendida enquanto prática mais simples, com meios técnicos que eu diria tradicionais. E isso porque não temos acesso a meios técnicos mais avançados; portanto, estou falando de diferenças e não fazendo uma avaliação de qualidade de um e de outro.

Esse fato tem um lado da maior importância que é o de submeter as pessoas a um processo de organização da experiência, da expressão. Mas tem um outro lado que, a meu ver, é o lado ingênuo da atual qualificação do arte-educador. Ou seja: nós vivemos numa sociedade que tem determinadas características enquanto sociedade industrial, enquanto determinadas formas pelas quais ela organiza a sua experiência e a transfere, com recursos técnicos através dos quais fornece uma informação massiva e com tendência massificante. Então, alguém diria: por isso mesmo a possibilidade de o arte-educador oferecer uma experiência artística é uma alternativa necessária frente às características de nossa sociedade. Eu não nego que seja necessária. O que estou tentando trazer à discussão é que os meios técnicos de comunicação acabam sendo os elementos através dos quais se organiza uma experiência de sensibilidade humana, de percepção humana e, portanto, do processo de formação e organização da experiência estética. Acabam tendo um papel preponderante e avassalador nessa formação que nós tradicionalmente chamamos de formação artística. A meu ver, os arte-educadores não se colocam frente a essa questão. Eles elaboram a oportunidade de o sujeito ter uma vivência ou um trabalho artístico através de um caminho lento, minucioso, dando espaço à pessoa que sofre esse processo de

trabalho. Nisso eu acho que nós superestimamos a possibilidade de ação do arte-educador, e era aí que queria chegar: qual é, de fato, o âmbito da atuação do arte-educador? Não estaríamos superestimando a capacidade de ele auxiliar o processo de organização da sensibilidade, da formação artística, colocando quase que lateralmente a questão dos outros meios técnicos e até as outras formas de fazer prático?

FÁBIO MAGALHÃES: A FORMAÇÃO DO ARTE-EDUCADOR E A REPRODUÇÃO DO EQUÍVOCO

Eu realmente não me sinto muito à vontade com esse tema; a pergunta que nos foi formulada é bastante complexa e difícil e eu, portanto, não vou respondê-la; vou apenas tecer alguns comentários a respeito.

Acho que há um problema inicial que gostaria de começar enfrentando, que é o equívoco na formação do arte-educador e, depois, então, a manutenção desse equívoco na prática do arte-educador. O primeiro equívoco é a própria maneira como está inserido o arte-educador no processo educativo brasileiro. O ensino no Brasil está organizado de forma a passar um tipo de conhecimento acumulativo que não é absolutamente o caso das artes, da expressividade de um modo geral. Então, tem-se um determinado currículo formado, uma carga horária e uma prática de educação que parte do pressuposto de que existe uma coisa que seria o básico do conhecimento e de que esse conhecimento vai ganhando em complexidade na medida em que os anos passam.

Quando se introduziu o programa de arte-educação no Brasil, ele tinha um caráter muito mais livre do que atualmente. Mas, na medida em que foi legalizado e penetrou na estrutura rígida do Ministério da Educação e Cultura, essa prática se amoldou às exigências e tipologia do curso que transmite conhecimento acumulativo e isso praticamente expulsou a possibilidade criativa de dentro dessas formas curriculares. Vejo que os cursos de artes são cursos onde, através de uma camisa-de-força, os aspectos criativos são introduzidos a partir de uma dinâmica generalizada para o conjunto dos alunos. A própria relação professor-aluno agrava ainda mais esse problema. Imagina-se que uma pessoa saudável — com o cérebro bem oxigenado, portanto — vá aprender no mesmo tem-

po e da mesma forma que seus colegas, enquanto que o aprendizado, a discussão dos problemas da sensibilidade da criação se dão de forma e em dinâmicas absolutamente diversas e diversificadas.

Essa inadequação do conjunto do trabalho, decorrência do currículo, já impossibilita em si o desenvolvimento do curso. Isso torna bastante difícil, por exemplo, o ensino da Arquitetura — que é a experiência que tenho mais próxima — que apresenta dois caracteres: um aspecto acumulativo, que é o da construção, e um outro, que escapa totalmente ao conhecimento acumulativo, que é o projeto propriamente dito. Por viver nessa situação híbrida, a Arquitetura no Brasil seguiu dois caminhos, um de Engenharia e outro de Belas-Artes, que é o fenômeno Rio-São Paulo.

Os aspectos que têm possibilidades de um desenvolvimento criativo são exatamente aqueles que escapam ao currículo do MEC. É fora dele, nas atividades que os próprios estudantes organizam, nas matérias optativas, que começa a surgir a criatividade. E é incrível como as Faculdades de Arquitetura formam músicos neste Brasil!

Preso nessa camisa-de-força, o arte-educador vai se inserir no seu mercado de trabalho, como professor, no curso secundário, dentro desse mesmo processo de seriação de conhecimento e vai reproduzir essas mesmas falhas, portanto, impondo uma nova camisa-de-força a seus alunos. Eu gostaria de retomar aqui o que a Ana Beluzzo colocou e com o que concordo: a condução da formação de um elemento estético dentro da sociedade vem muito mais através de duas correntes principais: os meios de comunicação de massa, por um lado, e a própria tradição cultural, por outro. Não se sente o papel do arte-educador como um elemento capaz de produzir ao nível da educação caminhos outros para a formação de uma sensibilidade.

KOELLREUTTER: O PRINCÍPIO É QUE O MORTO É SEMPRE O CULPADO

Em primeiro lugar, gostaria de saber o que vocês visam realmente com aquilo que chamam "arte-educação". Para que fazemos, na escola, arte-educação? Que objetivos visamos? Em segundo lugar: acho que quem

poderia nos ensinar que estratégia de arte-educação devemos usar seria a própria clientela. Acho que o pedagogo moderno deve aprender a aprender com seus alunos o que ele deve ensinar. Tenho a impressão de que a jovem geração, num certo sentido, está muito mais avançada do que nós pensamos, principalmente por causa de uma vivência mais intensa que eles têm de certos fenômenos que talvez conheçamos mas cuja vivência não temos.

Acho que uma instituição de educação artística torna-se inútil se ela não questionar a própria tradição. Ela não deve só ensinar como conscientizar as coisas mas deve, ao mesmo tempo, ensinar como questionar essa consciência.

Eu diria que o melhor educador é aquele que não educa. Para mim, arte só se pode viver. Tudo isso que chamam "educação" tem de ser transformado num constante diálogo, numa oficina, mas numa oficina de verdade, de debate, de discussão. Para isso temos que modificar completamente nosso modo de pensar.

A única cultura da qual nós podemos aprender como adultos é a cultura das crianças. Mas das crianças entre três e cinco anos, no máximo. Essas crianças têm a mentalidade e o estado de consciência mais moderno que existe. Elas não sabem o que é tempo, não sabem o que é em cima e em baixo, não sabem o que é direita ou esquerda. Têm um pensamento e uma sensibilidade realmente integradores. Digo aos meus alunos, que são professores, que a única coisa que têm a fazer é aprender com as crianças como devem pensar. E não dizer a elas "olha, isso tem que ser direita, isso tem que ser em cima", não tem coisa nenhuma! É preciso procurar descobrir qual seja o pensamento delas e, então, conscienti-

zar nelas o que devem fazer. Quer dizer, não se deve ensinar, mas sim conscientizar as coisas que apresentam. Isso é o que eu chamo ensino pré-figurativo, isto é, ensinar alguma coisa que ainda não existe mas que pode existir ou talvez se suponha que existe.

Então, nós ensinamos a criança como acabo de descrever, até cinco, seis anos, e depois elas passam para uma escola. A escola, como instituição é o desastre. Lá elas aprendem que tudo isso que fazem está errado, que têm de saber onde é direita, esquerda, em cima, em baixo, e, então, passam a aprender tudo positivisticamente. Tudo deve ser provado, calculado, quer dizer, no fundo, é um processo dos Séculos XVIII, XIX, que é passado para essa gente. Aí, quando eles tiverem vinte anos, nós temos de dizer novamente "está tudo errado", porque a realidade hoje, a realidade atômica, subatômica, é outra; portanto, tudo o que se pensa em termos de causalidade, de lógica, não vale mais.

Nós aprendemos com as crianças pequenas e nós temos que seguir nesse modo de ensinar. E quando tivermos crianças de dez anos, temos já que começar a destruir nelas todo esse positivismo que nos massacrou a vida toda. Nosso problema é nos libertar disso de uma vez para sempre e perceber que o mundo é outro, que não é um mundo de fatos mas um mundo de relações que não podem ser definidas positivisticamente. Então, toda essa vida de aprendizado torna-se fascinante, tanto para os alunos quanto para nós. Esse chamado conflito de gerações está justamente na nossa incompreensão do que os jovens sentem e vivem. Nós temos que aprender com eles. Essa é para mim uma coisa básica: é o princípio de que sempre é o morto o culpado e não o assassino. Se eu tenho um problema como professor, numa classe, eu sou o morto, e, portanto, sou o culpado porque não entendo o que se passa em torno de mim.